



O Campo Discursivo da História da Loucura¹

Eduardo Sugizaki²

Resumo: O presente artigo defende a tese de que a obra de Michel Foucault de 1961, “História da Loucura”, inaugurou um campo discursivo, uma herança do seu projeto historiográfico e filosófico. “A Ordem Psiquiátrica”, de 1977, de Robert Castel e “Danação da Norma”, de 1978, organizada por Roberto Machado, inscreveram-se explicitamente nesse campo. A defesa da propositura é encaminhada por uma leitura (*receptio*) da obra de Foucault a privilegiar o projeto de fundo, enquanto ele abre a possibilidade de continuidade de uma linha de pesquisa e novas narrativas, o campo discursivo da história da loucura. Nesse esforço, leva-se em conta também o resto da obra do autor, destacadamente “Vigiar e Punir”, para recolher, da história da vigilância disciplinar e da punição penal, elementos que esclarecem o projeto da história da loucura. Depois, procura-se aprofundar o que seria um campo discursivo e são discutidos os elementos de possível analogia ou de oposição com os campos discursivos da psicanálise e do marxismo. Por fim, apresentam-se as diferenças da história da loucura em relação à antipsiquiatria e à despsiquiatrização. Em todo o percurso, procura-se mostrar que a história da loucura não é uma disciplina, já que não é uma história da psiquiatria, e tem objetivos estratégicos diversos, para não dizer opostos, da nova disciplina chamada filosofia da psiquiatria.

Palavras-Chave: História da Loucura, História da Psiquiatria, Filosofia da Psiquiatria.

The Discursive Field of the History of Madness

Abstract: This article defends the thesis that Michel Foucault's 1961 work, “History of Madness”, inaugurated a discursive field, a legacy of his historiographic and philosophical project. “The Psychiatric Order”, from 1977, by Robert Castel and “Standard Damage”, from 1978, organized by Roberto Machado, registered explicitly in this field. The defense of the proposal is guided by a reading (*receptio*) of Foucault's work to privilege the background project, while he opens the possibility of continuity of a line of research and new narratives, the discursive field of the history of madness. In this effort, the rest of the author's work is also taken into account, notably “Watch and Punish”, to collect, from the history of disciplinary surveillance and penal punishment, elements that clarify the project of the history of madness. Then, an attempt is made to deepen what would be a discursive field and the elements of possible analogy or opposition with the discursive fields of psychoanalysis and marxism are discussed. Finally, there are differences in the history of madness in relation to antipsychiatry and depsychiatrization. Throughout the course, we seek to show that the history of madness is not a discipline, since it is not a history of psychiatry, and has different, if not oppositional, strategic objectives of the new discipline called the philosophy of psychiatry.

Keywords: History of Madness, History of Psychiatry, Philosophy of Psychiatry.

¹ Uma versão precedente deste texto foi apresentada no III Simpósio Internacional de História da Universidade Estadual de Goiás (20 a 22 de novembro de 2019).

² Pós-Doutorado em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Doutor em História (cotutela), Mestre em Filosofia e Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Doutor em Filosofia pela Universidade da Picardia Júlio Verne (cotutela). Professor Adjunto na Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC/GO).



Introdução

O presente artigo empenha-se em apresentar um campo discursivo na herança de História da Loucura na Idade Clássica, a tese de doutoramento de Michel Foucault (1926-1984), sob orientação de Georges Canguilhem (1904-1995), livro publicado originalmente em 1961. No primeiro tópico do artigo, realiza-se uma leitura ou recepção dessa obra, sobretudo procurando compreender sua relação com a história dos modos de constituição da subjetividade. Esse caminho pediu uma atenção a toda obra do filósofo francês, mas particularmente ao paralelismo entre História da Loucura e Vigiar e Punir, livro de 1975. Procura-se levantar o paralelismo entre os dois livros, de maneira que a leitura simultânea esclarece o projeto historiográfico e filosófico em andamento e dá elementos para entender o campo discursivo da história da loucura.

Em seguida, apresenta-se uma concepção de campo discursivo, a do próprio Foucault (1994a), que propôs a existência de dois campos: o da psicanálise e o do marxismo. Faz-se, então, o esforço de mostrar em que sentido a história da loucura guarda similitudes e diferenças com eles e em que sentido ela também poderia ser pensada, analogamente, como campo discursivo.

Por fim, a história da loucura é colocada em relação com a antipsiquiatria e a despsiquiatrização para melhor diferenciação conceitual de cada construção histórica. Globalmente, o artigo defende que a história da loucura, em primeiro lugar, não é uma disciplina, enquanto a história da psiquiatria é; em segundo lugar, ela tem objetivos estratégicos diversos, para não dizer opostos, da recente disciplina chamada ‘filosofia da psiquiatria’.

História da Loucura: A Obra

História da Loucura é uma obra que aprofundou o movimento iniciado por Canguilhem para levar a tradição francesa da ‘história e epistemologia das ciências’ na direção de saberes de estatuto cada vez menos estabelecidos em relação àqueles estudados por Gaston Bachelard (1884-1962), que trabalhara com a matemática, a química e a física. Canguilhem ocupou-se com medicina, biologia, fisiologia, anatomia e psicologia. Foucault ocupou-se com os campos de Canguilhem, mas também com psiquiatria, sanitarismo, pedagogia, arquitetura, linguística, economia política etc.

Mais do que apenas fazer a filosofia descer a arquivos menos nobres, Foucault fez com que a tradição da epistemologia e a história das ciências incluísse saberes, microssaberes, práticas e discursos que, sem chegar ao status da ciência, são formas organizadas de inquérito



sobre os sujeitos, seus movimentos, seus crimes, suas doenças: a invenção dos movimentos anatômicos padronizados para o bom manejo do fuzil; a criação dos prontuários médicos dos hospitais portuários; os projetos pedagógicos para disciplinas escolares; os arquivos das chefaturas de polícia; as anotações de caso dos médicos etc.

Além dessa questão do tipo de arquivo, História da Loucura e os posteriores trabalhos de Foucault fizeram cruzar a ciência, a literatura, as artes, a filosofia, os saberes múltiplos e minúsculos com os poderes (também os micropoderes) e a constituição da subjetividade (FOUCAULT, 1985). É a história da constituição da subjetividade que sobleva quando a loucura é visada como aquela sobre o que se pretende narrar, usando como arquivo o que sobre ela disse a medicina, a psiquiatria, a psicanálise (CHAVES, 1988; BIRMAN, 2000; TESHAINER, 2006), mas também o teatro, a literatura, a pintura, a filosofia.

Um olhar vasto como esse não é obtido por uma visão de fim de mundo, aquela do historiador que se posiciona acima e além das contingências do tempo, como diz Foucault (1989, p. 26) ao explicar a diferença entre “origem” e “invenção”, na genealogia de Nietzsche. Não se trata, portanto, de uma filosofia geral e muito menos de uma metafísica. O ponto de partida é aquele que Nietzsche (2001, p. 16) chamou inicialmente de filosofar histórico e, só mais tarde, de genealogia. Foucault exercitou-a ao seu próprio modo (MACHADO, 1982), o que levou Deleuze (1991) a dar-lhe o epíteto de “novo arquivista”.

Por essa via de leitura, História da Loucura tem um objetivo: expor as raízes da invenção da psiquiatria, que ocorreu somente no começo do século XIX. Daí o marco temporal da obra, majoritariamente focada na Idade Clássica (séculos XVII e XVIII). Esse período é privilegiado porque, ao romper com a Renascença, o classicismo instalou o grande internamento asilar da *déraison* (desrazão ou desatino), suprimindo completamente a loucura sábia das sátiras e farsas, que vinham da Idade Média até o século XVI; loucura sábia na pintura e na literatura erudita.

O grande internamento foi o lugar da separação e aprisionamento da *déraison*, até o final do século XVIII, mas ele não foi abolido, na virada dele para o século XIX, momento de transformação histórica tão decisiva, o nascimento das ciências humanas (FOUCAULT, 1992), não deu lugar a sua simples supressão. Ele foi transformado, purificado. Foram dispensadas muitas de suas figuras: o inconformado político, o velho abandonado, o mendicante, o libertino, a prostitutas, a adúltera, a mãe solteira, o padre usurário, o jogador e dissipador dos bens da família burguesa etc. Isso ocorreu quando o internamento mudou de domínio. No caso francês, passou às mãos de um poder-saber que lhe era estranho, até então, o médico. De lugar de



aprisionamento, tornou-se lugar de doença. Ao par disso, a loucura deixou de ser *déraison* para tornar-se *aliénation* (alienação) e *maladie mentale* (doença mental).

Duas grandes transformações, então, estão no foco do livro. Primeiro, quando a louca sábia renascentista dá lugar à *déraison* classicista, ocorre a oposição radical entre razão e loucura, e o banimento desta do interior da sociedade dos razoáveis. É a entrada do século de Descartes. Quando, na virada do século XVIII, a loucura torna-se alienação, ela não será mais oposta, mas alheia à razão. Como a alienação é apenas um estado doentio, a loucura passa a ser curável, mas sob duas formas históricas: uma religiosa e outra médica. Daí o duplo registro do nascimento do asilo moderno: o projeto de ressocialização cristã do alienado pelo trabalho e vida campestres, na via inglesa e *quacker*; e o projeto sanitarista com a nosologia da *maladie mentale* dos médicos franceses. Nosologia, aliás, que nunca mais parou de crescer.

Em História da Loucura, não se trata apenas de dizer que a psiquiatria nasce do grande internamento asilar. Mais que isso: a psiquiatria é o saber do asilo. Embora a invenção desse saber-poder médico seja o ponto de desembocadura do percurso narrativo da obra, não se trata de uma história da psiquiatria, saber que atende a outros propósitos, obedece a outras regras (ACKERKNECHT, 1968; ALEXANDER; SELESNICK, 1980; BEAUCHESNE, 1989; BERCHERIE, 1980; BOSSEUR, 1976).

História da Loucura não é uma história apenas de ideias, representações, acontecimentos e enunciados científicos. Antes, é tudo isso simultaneamente e mais. Dessa maneira, ela faz emergir, de fontes documentais dispersas em arquivos de diversas naturezas, a trajetória de algo que diz respeito aos modos como, na história da civilização ocidental, vimos dividindo ou classificando os sujeitos.

Com a assunção médica do internamento e o nascimento da psiquiatria, começa a construção de uma suposição: a loucura tem uma base fisiológica, pretensão expressa no nome *maladie mentale*, termo que embaralha o que é moralmente desaprovado com o que está fisiologicamente em desacordo com a natureza do corpo.

Este problema, o equívoco epistemológico embutido no termo “doença mental”, conecta História da Loucura a Canguilhem de uma forma especial: O Normal e o Patológico é a obra onde se narra a história dos lances pelos quais a medicina fez emergir a fronteira ontológica fundamental indicada pelo título. Canguilhem mostrou que tal oposição foi, histórica e epistemologicamente, fundada não em puros valores sem ancoragem, mas em uma não indiferença anátomo-fisiológica do corpo em relação aos seus próprios funcionamentos: ao corpo, não é a mesma coisa que o sangue corra dentro ou fora das veias. História da Loucura,



por seu turno, lida com o nascimento de um saber, a psiquiatria, no qual a fronteira médica entre o normal e o patológico é apenas metafórica, não se funda sobre valor anátomo-fisiológico. Esse foi, como se sabe, o drama de Charcot (1825-1893): garantir que a histérica que, por exemplo, não enxerga, fosse aceita como caso médico, mesmo sem patologia oftálmica alguma.

Nesse sentido, há um contraste entre duas obras de Foucault: *História da Loucura* e *O Nascimento da Clínica*. O advento da clínica e da anátomo-patologia instalaram um regime de empiricidade na medicina que inexistia nos séculos XVII e XVIII. A medicina classicista estava voltada para o quadro classificatório das entidades nosológicas e, quando o olhar médico atentava para o corpo, era para esperar a doença a atingir sua crise, que permitia a identificação entre o caso e a nosografia. A medicina classicista, a que era ensinada nas universidades, era o estudo dos antigos, sobretudo da medicina expectante dos gregos.

Em *História da Loucura*, diferentemente de em *O Nascimento da Clínica*, não há nascimento de empiricidade rigorosa. A obra não reconhece à psiquiatria o estatuto epistemológico do olhar empírico da medicina. Não há nenhum paralelismo entre a clínica e a psiquiatria, que nasciam no mesmo momento histórico, mas em espaços e segundos práticas e discursos diversos.

É verdade que essa recusa de estatuto epistemológico da psiquiatria seja silenciosa em *História da Loucura*, mas é explícita no opúsculo de 1954, *Doença Mental e Personalidade*: “Um fato tornou-se, há muito tempo, o lugar comum da sociologia e da patologia mental: a doença só tem realidade e valor de doença no interior de uma cultura que a reconhece como tal” (FOUCAULT, 1975, p 17). Jaspers (1985) e Freud (1974-1976) já haviam mostrado o descaminho da pretensão fisiologista da psiquiatria.

Enquanto a história da clínica e a da psiquiatria não se interpenetram, a medicina social teve outra sorte. Nascida meio século antes que a clínica, a medicina social guarda relações próximas com a chegada da medicina ao asilo. Por uma modificação no que era, até então a atuação social da medicina, por Pinel entrou no asilo a redefinir quem deveria ficar e quem deveria partir. Essa reorganização do modo da intervenção global da medicina sobre a sociedade tem pouco ou nada que ver com a anátomo-patologia e a clínica, mas tem íntimo parentesco com a medicina social e com o presídio panóptico de Jeremy Bentham.

No começo do capítulo *O panóptico de Vigiar e Punir*, Foucault (1987) propõe uma genealogia do projeto arquitetural de Bentham: o panóptico seria um modelo de vigilância que conjuga dois outros precedentes, o da lepra e o da peste. Ora, o primeiro modelo havia dado



lugar ao grande internamento da loucura. Eis a chave da relação com a história da loucura que merece atenção.

Bentham (2008) propôs o panóptico na segunda metade do século XVIII, justamente no auge do desenvolvimento da mais antiga forma de medicina social, aquela os alemães chamavam de ‘polícia médica’ (FOUCAULT, 1994c; ROSEN, 1980; SINGER, 1943). Bentham (2008) começa sua exposição pela proposição de um modelo arquitetônico de presídio: uma torre no centro de um edifício circular com um sistema de passagem de luz que permite a um vigia ver simultaneamente todo o interior das celas solitárias que se distribuem ao entorno da torre, sem que cada prisioneiro possa ver o vigia ou aos demais prisioneiros. Mas, Bentham não se detém aí e isso não escapou à leitura de Foucault (1987). Abstraindo do prédio prisional, Bentham progride para um projeto panóptico de sociedade: máquina de observação total, que conjuga a vigilância geral com a individualizante.

Como foi dito acima, a via interpretativa de Foucault (1987) propõe para o panóptico uma gênese compósita. O prédio encimado pelo olho que tudo vê opera simultaneamente a grande exclusão (o modelo da lepra) e a malha fina e celular (o modelo de confinamento da peste). Pelo primeiro modelo, distingue-se o que pode ficar dentro da sociedade do que deve ser dela expulso para o leprosário: é a bipartição. O segundo modelo é o da anatomia do social construído pelo regulamento de quarentena das cidades empestadas. Ninguém entra, ninguém sai e todo o mapa da cidade é quadriculado em um esquema de polícia total para imobilizar os moradores em suas casas e, se possível, em cômodos separados. A arquitetura panóptica depende da bipartição básica entre o que está dentro do sistema de retenção o que está do lado de fora. Mas, o que está dentro do sistema é dividido em células individuais. A torre panóptica vigia simultaneamente o que entra e o que sai do sistema, assim como tudo o que ocorre no interior das celas.

A loucura chegou a ser aprisionada, na Idade Clássica, não a partir do modelo da cidade empestada, mas segundo o modelo do ritual de expulsão do leproso do seio da sociedade. Portanto, não o modelo do quadriculamento individualizante (como o da distribuição dos soldados e alunos em linhas e colunas), mas o modelo da divisão dual. De um lado a sociedade e a razão. Do outro, tudo o que é insociável e, como tal, *déraison*. Esse esquema dual, estabelecido logo no princípio de História da Loucura, é herdeiro da divisão medieval e renascentista entre a sociedade dos vivos e a sociedade dos penitentes. Apartados dos sãos, os lazentos haviam sido lançados à caridade dos leprosários para ali expiarem os pecados do mundo. A loucura estará, na sociedade sã e razoável da modernidade clássica, onde a lepra



esteve para as sociedades que antecederam o século XVII: no lado de fora da Cidade, no sentido legal, religioso e político dessa exterioridade.

Ora, o reordenamento do internamento promovido por Pinel implanta o funcionamento da vigilância anatomizante da cidade empestada sobre o modelo da lepra, que havia dado lugar à loucura. Estão, agora, reunidos os dois modelos prévios constitutivos do panóptico. A medicina do asilo manteve o modelo da bipartição política, reformando apenas a distribuição das figuras do grande internamento, as que devem permanecer e as que partir. Em segundo lugar, a psiquiatria nascente adquiriu a atenção individualizante do modelo da peste. Ela separa, isola, tipifica e classifica os casos da alienação, redistribuindo-os no espaço agora celular do asilo.

Assim, a psiquiatria nasce como uma nova torre do panoptismo: focada no conjunto da sociedade, ela separa a alienação da razoabilidade; focada nos casos, ela projeta a cura da loucura. No alto da torre panóptica, o olhar da medicina social assume a soberania do asilo. A psiquiatria nasceu como uma disciplina classificatória dos comportamentos sociais, herdeira da bipartição classicista dos sujeitos, divisão inscrita em nosso presente, vinda do nosso passado e prescritora do nosso futuro.

Essas continuidades e discontinuidades históricas de partição dos sujeitos tiram a boa consciência metafísica da divisão. O filosofar histórico solapa a suposta natureza da loucura, do que é desde sempre e para sempre, para entregar ‘o Ser’ ao regime da circunstancialidade do tempo. Assim, os fundamentos do Ocidente aparecem expostos: “o que é a razão?”, “quem é a loucura?”, “quem decide o que?”.

Dessa forma, decorre de uma leitura de Vigiar e Punir que uma história da loucura não é e não pode ser uma disciplina porque a loucura não é um objeto de saber. Enquanto isso, a história da psiquiatria e a própria psiquiatria são disciplinas, ambas as coisas fundadas no nascimento do saber classificatório dos casos típicos de comportamento dos sujeitos. Casos que a sociedade não aceita como adequados ao convívio comum, casos que são o objeto do saber do asilo. Compreende-se que História da Loucura seja um experimento do “desdisciplinar-se” (FOUCAULT, 1982, p. 53).

Assim, a publicação de Vigiar e Punir ajudou a esclarecer que História da Loucura faz parte de um programa de pretensões mais vastas e que diz respeito à confrontação da docilização geral dos sujeitos na sociedade, pois as duas obras expõem a dupla face de um processo histórico simultâneo: a internação e reclusão da *déraison* ocorria enquanto, do lado da sociedade razoável, os corpos eram docilizados nas outras instituições, ilhas do arquipélago



disciplinar. Nos mesmos séculos XVII e XVIII, estudados em ambas as obras, enquanto se construiu o grande internamento dos sujeitos moralmente inadequados, inúteis, improdutivos, destrutivos e subversivos, a disciplina multiplicou as técnicas da padronização dos comportamentos, o detalhamento anatômico dos movimentos produtivos e úteis, e o fez nas instituições de base da sociedade: o exército, a fábrica, a escola, as chefaturas de polícia, a caridade da Paróquia de Notre Dame, a família etc. (FOUCAULT, 1987).

Juntando as narrativas de ambas as obras, *História da Loucura e Vigiar e Punir*, percebe-se que o internamento da Idade Clássica foi a modalidade da exclusão de todo aquele que não se adequava à implantação da disciplina da sociedade da mais produção. Foi isso a *déraison*. A loucura desvela-se na contramão da disciplina, ela é improdutiva. Chega a ser destrutiva, como no caso dos dissipadores dos bens familiares.

Da Obra ao campo Discursivo

Foi a densidade e o alcance da reflexão filosófica de *História da Loucura* que lhe deram uma herança, reservando-lhe o destino de tornar-se o marco de abertura de um campo de novos discursos, discussões e escritos, formando uma malha, uma teia, onde os diálogos desdobram-se para novos alcances, mas sem que certos enlaces se percam. Essa abertura e essa herança merecem o nome de campo discursivo da história da loucura.

Em princípio, o próprio Foucault enriqueceu a história da loucura com novas experimentações. Há o trabalho *Eu, Pierre Rivière, Que Degolei Minha Mãe, Minha Irmã e Meu Irmão*, de 1973; os cursos anuais no Colégio da França: *O Poder Psiquiátrico*, no inverno europeu de 1973-1974 e *Os Anormais*, no de 1974-1975. Há também trabalhos que não incidem diretamente e especificamente sobre o tema da loucura, mas que trazem elementos muito importantes para uma melhor compreensão dele: *As Palavras e as Coisas*, livro de 1966; *Nascimento da Medicina Social*, conferência proferida no Rio de Janeiro, em 1974; e *Vigiar e Punir*, livro de 1975. Os três últimos trabalhos, aliás, já foram utilizados no tópico acima, no esforço de explicitar a leitura aqui defendida de *História da Loucura*.

Ultrapassando o trabalho de Foucault, a história da loucura não demorou a despertar novos autores, receber novas modulações, operar com novos conceitos. Dois trabalhos de Robert Castel assinalam o momento em que a história da loucura salta da obra de Foucault.

Em *A Ordem Psiquiátrica* de 1977, a relação com *História da Loucura* é explícita. Num parágrafo do Prefácio destinado a apontar o plano de estudo sobre a “idade de ouro do alienismo”, duas dívidas contraídas são apresentadas. A primeira é a chave de interpretação dos aparelhos de dominação, proveniente de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron (2018).



Quanto à segunda dívida, Castel (1978, p. 16) declara em que campo vê inserido seu livro: “História da Loucura marcou, em relação ao etnocentrismo médico, uma ruptura em cujo rastro qualquer empreendimento deste gênero não pode deixar de se inscrever”. Apesar de o livro de Castel (1978, p. 16) alojar-se de forma tão explícita num campo aberto por outro, não incluiu, entre seus objetivos internos, a determinação dos enlaces da herança, tarefa que restou para outros: “O leitor verá igualmente tudo o que este trabalho deve ao livro de Michel Foucault”. Castel, entretanto, recusa uma “fundação mítica” para o campo discursivo da história da loucura e tenta estabelecer ao menos um dos elementos decisivos da vinculação: “Consideramos aceitas numerosas análises do livro [*Histoire de la folie*] e tomamos emprestado às outras obras de Michel Foucault certas categorias que comandam atualmente o acesso a uma teoria materialista do poder” (CASTEL, 1978, p. 16).

Sob certo aspecto, entretanto, foi outra participação de Castel que deu ao campo discursivo da história da loucura uma projeção maior. Com *Sociedade Psiquiatrizada Avançada*, de 1979, de Françoise e Robert Castel e Anne Lovell, há um avanço temporal: o enfoque alcançou sobre a segunda metade do século XX. Além disso, a psiquiatrização geral da sociedade capitalista avançada, na história da loucura, não é apenas um passo no tempo, é também um conceito e outra maneira de narrar, que não a do livro de Foucault, *História da Loucura*. Segundo os três autores, nesse fenômeno recente, a psiquiatria transborda os muros asilares e transforma toda sociedade num grande hospício: em cada sujeito espreita-se a sombra da loucura; a vigilância da saúde mental estende-se sobre todo espaço social, setorizado em bases locais. A obra acaba mostrando, sociológica e historicamente, como o panoptismo psiquiátrico efetivou-se. Com essas duas obras de Castel, a história da loucura deixa de ser apenas a história do nascimento da psiquiatria do asilo para se tornar a genealogia da psiquiatrização geral da sociedade.

Ultrapassando o trabalho de Foucault, o campo da história da loucura não demorou a despertar novos autores, receber novas modulações, operar com novos conceitos. No Brasil, a chegada do campo da história da loucura ocorreu prontamente, com trabalho coletivo coordenado por Roberto Machado em *Danação da Norma*, de 1978. Nesse livro, a chegada da psiquiatria no Brasil é historiada como um processo diferente do que ocorreu com a colonização médica do hospital geral da França. Antes, é pela via da medicina social que ocorre a psiquiatrização brasileira. Nesse sentido, a referência teórica principal do livro foi a conferência “Nascimento da Medicina Social” (FOUCAULT, 1994c).



Depois, vieram *O Espelho do Mundo – Juquery: A História de um Asilo de Maria Cunha*, em 1986; *Os delírios da razão* de Magali Engel, em 2001; e *Arquivos da Loucura. Juliano Moreira e a Descontinuidade Histórica da Psiquiatria*, de Vera Portocarrero, em 2002. Avancemos mais um passo na compreensão do que vem a ser o campo discursivo da história da loucura. Ele não é de todo análogo aos campos discursivos da psicanálise e do marxismo. Foi Foucault (1994a) quem cunhou a expressão e falou sobre estes dois campos, num texto em que discutiu a volta da interpretação, ocorrida no século XIX. Esse ressurgir da interpretação, com Marx, Nietzsche e Freud, depois que ela havia sido silenciada e banida da ciência, durante a Idade Clássica deu lugar aos dois campos discursivos de grandes magnitudes e complexidade já referidos.

A história da loucura é um campo discursivo de um modo diferente da psicanálise e o do marxismo. Embora a obra de Foucault represente uma referência central para a história da loucura, não exerce o papel de marco teórico regulatório, de maneira que o campo estivesse continuamente tensionado entre ortodoxia e heterodoxia interpretativas da obra canônica. Isso ocorre de muito marcadamente na psicanálise e no marxismo. Por essa diferença, a continuidade dos trabalhos da história da loucura não pede a construção de sociedades ou escolas, não se demarcam territórios, não se erigem diretorias, sociedades, não se expulsam grupos dissidentes ou contestadores, não se criam facções a fragmentar o campo.

A história da loucura é uma herança de Foucault, mas de forma intensiva e espontânea, na qual, denegada a exigência da leitura doutrinária de obra normativa, o foco se lança sobre a experiência da loucura. É experiência por não ser objeto. Antes, é sujeito, mas sem transcendência: é acontecimento histórico, mas anônimo, disperso, recluso, invisível. A loucura é personagem: não a que perfaz um só drama, ela é dramaticidade; não subjetividade una, mas miríade de inomináveis; personagem difusa, multiplicidade de personificações.

Assim, a loucura na Renascença é a sábia pintada por Brueghel, a musa elogiada por Erasmo de Roterdã, enviada para o sem lugar, embarcada na nau dos loucos. Mas, na Idade Clássica, uma ruptura ocorre e, à loucura, nega-se-lhe lugar até entre o erro e o acerto. A loucura fica absolutamente fora do caminho ou do desenvolvimento do “eu que pensa”, pois onde há pensamento não poderia haver loucura.

Banida do saber, a loucura é expulsa da cidade, como haviam sido, na Idade Média, os leprosos. A loucura, aliás, irá ocupar os leprosários e os hospitais gerais. O lugar da *déraison*, antípoda do conhecimento, é o espaço fechado e coercitivo do grande internamento. O asilo é exterior ao social como a *déraison à raison*. No asilo, as figuras da *déraison* são múltiplas: o



pai jogador de cartas e dissipador dos bens da família burguesa; o furioso que esbraveja numa jaula, em espetáculo de fins de semana; o libertino; a adúltera; a mãe de filho sem pai; o pedinte; o contestador da ordem política e tantas outras figuras, todas elas sequestradas por carta do rei.

Mas, no começo do século XIX, a loucura conhecerá a humanidade dos médicos, a de Pinel por primeiro, e deixará de ser *déraison* para tornar-se *aliénation de la raison e maladie mentale*. A medicina cuidará para que o doente mental, *aliéné*, regresse dessa alienação de volta para a racionalidade. A loucura será visada pela cura médica.

Duas características em comum entre os campos discursivos: como no marxismo e na psicanálise, a tarefa da história da loucura é um afirmativo exercício da analítica da finitude (FOUCAULT, 1992 – o último capítulo; TERNES, 1998); os três campos estão fadados à infinitude da discursividade, que decorre da incompletude da análise. Entretanto, diferentemente da psicanálise e do marxismo, a história da loucura segue desvairada o seu caminho, na experiência do desdisciplinar-se.

A História da Loucura, A Despsiquiatrização e a Antipsiquiatria

Certamente, a história da loucura rende uma inédita percepção crítica da psiquiatria, mas isso no horizonte de uma nova compreensão global da situação histórica da loucura em relação à cultura nas sociedades ocidentais, da Renascença à nossa modernidade. Isso, entretanto, não deveria levar a confundir a história da loucura com a antipsiquiatria, o movimento dos médicos psiquiatras para a desmontagem crítica e programática da psiquiatria.

Essa confusão vem sendo feita no interior de uma nova disciplina da formação médica inglesa, a ‘filosofia da psiquiatria’. Nela congrega-se uma corrente de filósofos e psiquiatras, a partir da fundação, em 1994, da revista Filosofia, Psiquiatria e Psicologia (*Philosophy, psychiatry and psychology*), da Editora da Universidade Johns Hopkins; da coletânea Perspectivas Internacionais em Filosofia e Psiquiatria da Editora da Universidade de Oxford (RADDEN, 2004; FULFORD et. al. 2006). Ao optar pela defesa ideológica, política e teórica da psiquiatria, a nova disciplina e corrente usa o nome “antipsiquiatria” para os seus adversários mais representativos, Thomas Szasz (1920-2012) e Michel Foucault (THORTON, 2007).

Para esclarecer a relação entre história da loucura e antipsiquiatria, precisamos de certas informações preliminares. No mesmo ano do aparecimento de História da Loucura (1961), vinha à luz a primeira obra de Szasz, O Mito da Doença Mental. Esta estava destinada a ser a das maiores referências de uma crítica epistemológica das práticas e teorias da psiquiatria. Crítica proposta desde o interior do que ele considera o seu campo de saber. Ademais, o primeiro livro demarcou um ponto de vista e uma estratégia que conduzirão a



extensa e longeva produção do autor, estendida até a primeira década do século XXI (SHALER, 2004).

Porém, o nome ‘antipsiquiatria’, só aparecerá em 1967, com a publicação de *Psiquiatria e Antipsiquiatria* de David Cooper. O aparecimento desse livro fez com que o epíteto tivesse uso retrospectivo, e “movimento antipsiquiátrico” passou a ser o nome do grupo de psiquiatras ingleses que já vinha atuando há alguns anos (COOPER, 1989). O movimento havia sido iniciado pelo autor juntamente com Ronald Laing, Aaron Esterson e os médicos da Clínica Tavistock de Londres (BOSSEUR, 1976).

Assim, a antipsiquiatria não aparece em *O Mito da Doença Mental*. Em livros posteriores, Szasz usa o termo para referir-se ao movimento inglês e como algo exterior ao seu pensamento e obra (SCHALER, 2004, p. XIV). Por outro lado, Szasz aparece como uma das referências importantes de Cooper e do seu círculo. Pouco tempo depois, Franco Basaglia (1924-1980), na Itália, daria início a uma desmontagem do asilo psiquiátrico de Gorizia, reconheceu o movimento dos psiquiatras ingleses como referência primeva de seu empreendimento. As publicações de Basaglia e de outros europeus fizeram com que a antipsiquiatria passasse designar um movimento plural e internacional. Foucault não pertenceu ao movimento antipsiquiátrico, mas dialogou com ele (FOUCAULT, 1994b; 1997).

Dadas essas informações prévias, é possível avançarmos para uma abordagem conceitual do problema. Em primeiro lugar, a antipsiquiatria é um acontecimento na história da loucura. Foucault (1997), ao estudar os movimentos internos da psiquiatria, considerou a antipsiquiatria como movimento oposto à despsiquiatrização. Essa distinção interessa aqui porque é possível defender não que a posição de Thorton (2007), segundo a qual Foucault seja um expoente da antipsiquiatria, mas que há um ponto de convergência entre os propósitos estratégicos da história da loucura e da antipsiquiatria.

A discussão sobre a relação conceitual entre antipsiquiatria e despsiquiatrização é feita por Foucault no resumo do curso *O Poder Psiquiátrico*, onde esses dois conceitos mostram-se como componentes da história da crítica interna da medicina à psiquiatria. Despsiquiatrização e antipsiquiatria são apresentadas, simultaneamente, como duas linhagens históricas de distintas teleologias, algo como macroprogramas recobrando obras e movimentos intelectuais distintos (FOUCAULT, 1997, p. 45-57).

A despsiquiatrização teria começado como reação ao trabalho de Jean-Martin Charcot (1825-1893) com as históricas, no Hospital da Salpêtrière de Paris: percebeu-se que a psiquiatria produz efeitos circulares de subversão do saber e poder médicos. A falta de uma ancoragem



fisiológico-anatômica para o comportamento das histéricas deixa a medicina desprovida de fronteira defensiva, já que histeria podia ser simulada. Em função disso, cedo se viu que o médico e o asilo psiquiátrico podem funcionar como estruturas de gratificação do comportamento histérico e tornarem-se focos de falsificação ou fabricação da chamada “doença mental”. Eis porque, segundo a compreensão de Foucault (1997), dois processos ocorrem dentro da psiquiatria como reação ao caráter paradoxal de seu próprio exercício:

- a) escape do espaço asilar para apagar os efeitos do poder psiquiátrico;
- b) reconstituição do poder médico para produzir a verdade, mas num espaço de melhor adequação dessa produção.

A esses dois processos Foucault (1997) dá o nome de despsiquiatrização. Eles dissolvem o hospital psiquiátrico, embora sob diferentes vias. A primeira forma de despsiquiatrização procura reduzir o hospital psiquiátrico pelo estabelecimento dos “signos necessários e suficientes para que ela [a doença] possa ser diagnosticada como doença mental e as técnicas indispensáveis para que essas manifestações desapareçam” (FOUCAULT, 1997, p. 52). O hospital psiquiátrico e suas técnicas, percebidos como o que vai na contramão dessa redução de signos, são descartados.

Foucault aponta para Joseph Babinski (1857-1932) como representante dessa primeira forma de despsiquiatrização. O neurologista francês propôs a redução da aptidão do paciente para se deixar teatralizar, em uma linha de fuga ao problema suscitado pelo trabalho de Charcot. Para reduzir a doença à sua realidade estrita, Babinski procurou excluir o jogo de cena da relação entre médico e paciente, que tem lugar no hospital psiquiátrico. Nesse tipo de despsiquiatrização, a redução da doença depende da redução do campo de ação do médico sobre o doente, embora isso não signifique suprimir o caráter assimétrico dessa relação de poder. Ao contrário, aprimoram-se as condições de controle e poder médicos sobre o louco e a sua loucura.

Depois de Babinski, Foucault (1997, p. 53) vê desenvolverem-se mais duas formas de despsiquiatrização, o que nos traz à situação ainda atual: “Chamemos essa forma ‘asséptica’ e assintomatista de despsiquiatrização: “psiquiatria de produção zero”. A psicocirurgia e a psiquiatria farmacológica são as duas formas mais notáveis”.

Retomemos a relação entre as formas da despsiquiatrização para esclarecê-las. A redução da doença, que está no foco de Babinski, é uma restrição do olhar médico ao comportamento socialmente inaceitável do paciente, mas, é também, uma redução do comportamento do médico enquanto vértice do espaço asilar, onde se teatraliza a histeria. Reduzem-se o asilo, os comportamentos e os signos. Por seu turno, a psicocirurgia e a



farmacologia aparecem como práticas no campo psiquiátrico, mas dependentes de outros saberes médicos. Nesse sentido, não importa se a restrição do comportamento socialmente inaceitável do paciente seja uma operação de origem médico-administrativa, médico-cirúrgica ou médico-química.

A psicocirurgia reduz tudo a uma intervenção anatômica pontual, em vista da alteração comportamental. Nela, a despsiquiatrização segue o fio condutor da mesma racionalidade: é preciso restringir as diferenças aos comportamentos socialmente esperados. A psiquiatria farmacológica é uma das vias mais eficazes da despsiquiatrização porque o consultório privado e o atendimento ambulatorial permitem a redução drástica da potencial população asilar.

Mas, isso não é tudo. Foucault (1997) leva mais adiante as vias da despsiquiatrização e chega à psicanálise. Ela é despsiquiatrizante porque Freud, desde o primeiro passo, dado com Breuer, conduz a relação médico-paciente para o espaço da medicina privada, diferentemente de Charcot. Isso permanecerá assim durante toda a trajetória de Freud e marcará as duas mais destacadas escolas europeias de psicanálise. Melanie Klein, com a psicanálise inglesa, e Lacan, com a psicanálise francesa, manter-se-ão avessos ao asilo. A despsiquiatrização operada pela psicanálise investe restritivamente a relação médico-paciente para encarregá-la de uma produção mais intensa da verdade da loucura, colocando “fora de circuito todos os efeitos próprios do espaço do hospício” (FOUCAULT, 1994, p. 53).

Já a antipsiquiatria, Foucault (1997) concebe-a oposta à despsiquiatrização. A antipsiquiatria não visou mais simplesmente a retirada para fora do espaço do hospício, mas empenhou-se politicamente em destruí-lo. Isso é muito claro em Cooper (1989) e em Basaglia (1972). Em seus empreendimentos, evidencia-se algo que Foucault (1997, p. 54) formula de modo acurado: a antipsiquiatria procurou “transferir ao próprio doente o poder de produzir sua loucura e a verdade de sua loucura, mais do que procurar reduzi-lo a zero”.

O que estaria em questão na antipsiquiatria não seria “o valor de verdade da psiquiatria em termos de conhecimento (de exatidão diagnóstica ou de eficácia terapêutica)”, mas a luta com, na e contra a instituição asilar para desmontar o projeto de “dominar o poder do louco”, para “neutralizar os poderes exteriores que podem se exercer sobre ele”. Ademais, a antipsiquiatria é uma luta contra a despsiquiatrização, pois esta busca “estabelecer sobre ele [o louco] um poder de terapêutica e de formação – de ‘ortopedia’” (FOUCAULT, 1997, p. 54-55).

Nessa polarização conceitual com a despsiquiatrização, a antipsiquiatria recobre mais que o movimento antipsiquiátrico (inglês e internacional). É nesse sentido, que Foucault inclui Szasz no seu conceito de antipsiquiatria. De fato, é fácil perceber que a obra de Szasz comporta



os dois elementos essenciais do modo como Foucault pensa antipsiquiatria: a luta pela destruição do hospício e a devolução do protagonismo ao sujeito da diferença comportamental. Esses traços estão fortemente marcados também no trabalho de Cooper (1989) e Laing (1973), embora os métodos e os suportes teóricos não sejam os mesmos de Szasz.

Nesse ponto exato, pode-se apontar para uma convergência estratégica entre a história da loucura e a antipsiquiatria. Resguardada a distância, a história da loucura tem por objetivo estratégico a assunção, por parte do sujeito, da construção da subjetividade. A história da loucura não é antipsiquiatria, mas elas são estrategicamente aliadas em relação a uma política da subjetividade, no seio da cultura.

No caso brasileiro, o que mais se aproximou da antipsiquiatria foi o movimento antimanicomial (SANTOS, 2015; SANTOS, 2018), que teve na obra e luta de Austregésilo Carrano o marco simbólico da Reforma Psiquiátrica brasileira (FEIER, 2015). Nos últimos anos, vários sinais indicam forte retrocesso em relação à luta e às conquistas do movimento antimanicomial brasileiro, sobretudo em termos de políticas de governo que fazem marcha atrás na Reforma Psiquiátrica (AMARANTE; NUNES, 2018; ONOCKO-CAMPOS, 2019; ABRASCO, 2019). Também reemergem as pretensões de repartições dos sujeitos, de exclusão e banimento de certos modos de construção da subjetividade, retomando um ordenamento autoritário da sociedade brasileira, que o período da redemocratização parecia ter enterrado para sempre. São razões para a relevância da história da loucura entre nós e nos nossos dias.

Referências

- ABRASCO. Associação Brasileira de Saúde Coletiva. **Sobre as mudanças na Política Nacional de Saúde Mental e nas Diretrizes da Política Nacional sobre Drogas**. RIO DE JANEIRO, fev. 2012. Seção Notícias. Disponível em: <<https://www.abrasco.org.br/site/noticias/saude-da-populacao/sobre-as-mudancas-na-politica-nacional-de-saude-mental-e-nas-diretrizes-da-politica-nacional-sobre-drogas/39619/>>. Acesso em: 05 mai. 2020.
- ACKERKNECHT, Erwin H. **A short history of psychiatry**. New York and London: Hafner, 1968.
- ALEXANDER, Franz G.; SELESNICK, Sheldon T. **História da psiquiatria: uma avaliação do pensamento e da prática psiquiátrica desde os tempos primitivos até o presente**. São Paulo: IBRASA, 1980.
- AMARANTE, Paulo; NUNES, Mônica de Oliveira Nunes. A reforma psiquiátrica no SUS e a luta por uma sociedade sem manicômios. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 6, p. 2067-2074, 2018.
- BASAGLIA, Franco et al. Considerações sobre uma experiência comunitária. In: AMARANTE, Paulo (Org.). **Psiquiatria social e reforma psiquiátrica**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994.



- BASAGLIA, Franco. **La institución negada**: informe de un hospital psiquiátrico. 2 ed. Barral: Barcelona e Corregidor: Buenos Aires, 1972.
- BEAUCHESNE, Hervé. **História da psicopatologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BENTHAM, Jeremy. **O panóptico**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- BERCHERIE, Paul. **Os fundamentos da clínica**: História e estrutura do saber psiquiátrico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1980.
- BIRMAN, Joel. **Entre cuidado e saber de si**: sobre Foucault e a Psicanálise. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- BOSSEUR, Chantal. **Introdução à antipsiquiatria**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **Os herdeiros**: os estudantes e a cultura. 2 ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2018.
- CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- CASTEL, Françoise; CASTEL, Robert; LOVELL, Anne. **La sociedad psiquiátrica avanzada**. El modelo norteamericano. Barcelona: Anagrama, 1980.
- CASTEL, Robert. **A ordem psiquiátrica**: a idade de ouro do alienismo. 2 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1991.
- CHAVES, Ernani. **Foucault e a psicanálise**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.
- COOPER, David. **Psiquiatria e antipsiquiatria**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1989.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira. **O espelho do mundo**. Juquery, a história de um asilo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- DELEUZE, Gilles. **Foucault**. 2 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
- ENGEL, Magali Gouveia. **Os delírios da razão**: médicos, loucos e hospícios. Rio de Janeiro, 1830-1930. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.
- FEIER, Aline Lemos. **Loucura que se escreve, loucura que se fala**: o lugar do livro Canto dos Malditos (1990) na história. 2015. 122f. Dissertação (Mestrado em História, Cultura e Poder) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2015.
- FOUCAULT, Michel. 1973-1974: O poder psiquiátrico. In: FOUCAULT, Michel. **Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FOUCAULT, Michel. **Doença mental e psicologia**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- FOUCAULT, Michel. El polvo y la nube. In: **La imposible prisión**: debate con Michel Foucault. Barcelona: Editorial Anagrama, 1982.
- FOUCAULT, Michel. Enferment, psychiatrie, prison. (Entretien avec D. Cooper, J. P. Faye, M.-O. Faye). In: MICHEL, Foucault. **Dits et écrits (1976 – 1979)**, v. III. Paris: Gallimard, 1994b.
- FOUCAULT, Michel. **Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão**: um caso de parricídio do século XIX apresentado por Michel Foucault. Rio de Janeiro: Graal, 1977.



- FOUCAULT, Michel. **Folie et déraison**. Histoire de la folie à l'Âge Classique. Paris: Plon, 1961.
- FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade Clássica**. 7 ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- FOUCAULT, Michel. La naissance de la médecine sociale. In: FOUCAULT, Michel. **Dits et écrits (1976 – 1979)**, v. III. Paris: Gallimard, 1994c, p. 207-28.
- FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 8 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- FOUCAULT, Michel. Nietzsche, Freud, Marx. In: FOUCAULT, Michel. **Dits et écrits (1954 – 1969)**, v. I, Paris: Gallimard, 1994a.
- FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica**. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.
- FOUCAULT, Michel. **O poder psiquiátrico**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica: Para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1985.
- FOUCAULT, Michel. **Os anormais**: curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro/RJ: Imago, 1974-6.
- FULFORD, Kenneth W. M. (Bill); THORNTON, Tim; GRAHAM, George (Orgs.). **Oxford textbook of philosophy of psychiatry**. New Delhi: Indian: Oxford: Oxford University, 2007.
- JASPERS, Karl. **Psicopatologia geral**. Psicologia compreensiva, explicativa e fenomenologia. Rio de Janeiro: Livraria Atheneu, 1985.
- LAING, Ronald David. **O eu dividido**: Estudo existencial da sanidade e da loucura. Petrópolis: Vozes, 1973.
- MACHADO, Roberto et al. **Danação da norma**: Medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- MACHADO, Roberto. **Ciência e saber**: a trajetória da arqueologia de Foucault. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado humano**: um livro para espíritos livres. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- ONOCKO-CAMPOS, Rosana Teresa. Saúde mental no Brasil: avanços, retrocessos e desafios. **Caderno de Saúde Pública**, v. 35, n. 11, 2019.
- PORTOCARRERO, Vera. **Arquivos da loucura**. Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da psiquiatria. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002.
- RADDEN, Jennifer (org.). **The philosophy of psychiatry: a companion**. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- ROSEN, George. **Da polícia médica à medicina social**. Ensaios sobre a história da assistência médica. Rio de Janeiro: Graal, 1980.



SANTOS, Ronivaldo de Oliveira Rego. **O projeto do hospital psiquiátrico Adauto Botelho de Goiânia**, em uma história de loucura no Brasil (1930-1950). Dissertação. Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2018.

SANTOS, Sônia Ribeiro dos. **Salud mental em Goiânia**: políticas públicas, prácticas sociales y discurso. 2014. 284f. Tese (Doutorado) - Universidad Pontificia de Salamanca, 2015.

SCHALER, Jeffrey A. (Org.). **Szasz Under Fire**. The psychiatric abolitionist faces his critics, Chicago/La Salle: Open Court, 2004.

SIGERIST, Henry E. **Civilization and disease**. Ithaca: Cornell University Press/London: Humphrey Milford/Oxford University Press, 1943.

SZASZ, Thomas S. **O mito da doença mental**. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.

TESHAINER, Marcus. **Psicanálise e biopolítica**: contribuição para a ética e a política em Michel Foucault. Porto Alegre: Zouk, 2006.

THORNTON, Tim. **Essential philosophy of psychiatry**. Oxford: Oxford University, 2007.